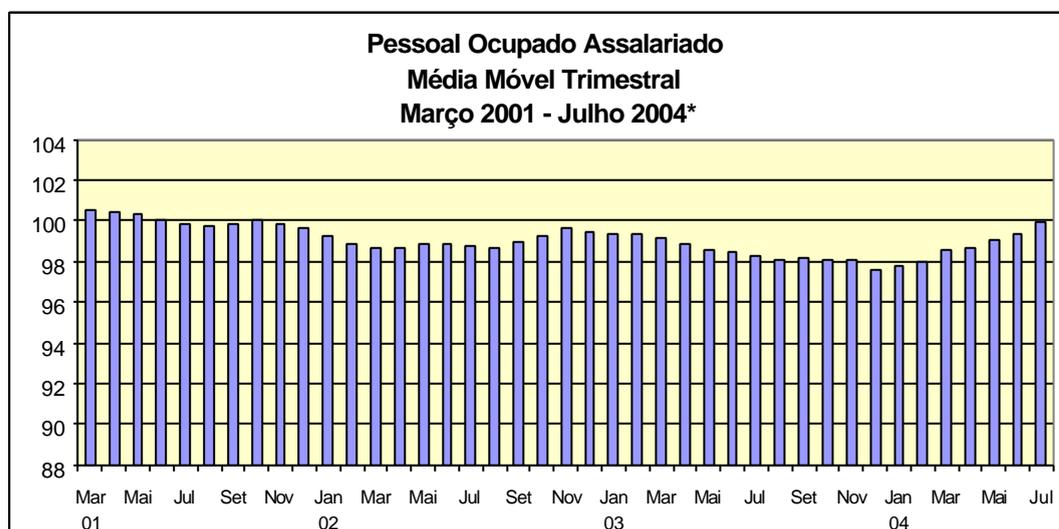


COMENTÁRIOS**PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO**

Em julho, os índices do emprego industrial foram positivos nas diversas comparações. Na série livre de influências sazonais, houve uma variação de 0,2% entre julho e junho. Esse índice é positivo há três meses consecutivos, período em que o setor expande em 1,7% o total de pessoas ocupadas. A comparação com julho de 2003 mostra crescimento de 2,3%, a maior marca desde o início da série, em janeiro de 2002. No acumulado para o período janeiro-julho, o acréscimo foi de 0,5%, enquanto o indicador acumulado nos últimos doze meses continua negativo (-0,3%), porém com movimento de recuperação, uma vez que, em junho, ficou em -0,6%.

Pela análise da evolução do indicador de média móvel trimestral, o emprego permanece numa trajetória ascendente, acumulando crescimento de 2,5% entre os trimestres encerrados em julho deste ano e dezembro de 2003.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal

No confronto mensal, a taxa de 2,3% é consequência da ampliação no nível de emprego em doze locais e em quatorze atividades. Em termos regionais, destacam-se os índices para a região Sul (3,4%), São Paulo (1,5%) e Minas Gerais (4,5%). Os principais responsáveis pelos desempenhos positivos destes

dois estados foram máquinas e equipamentos (22,5%), no primeiro e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (23,0%), no segundo.

Em nível nacional, os destaques setoriais ficam com máquinas e equipamentos (15,8%) e alimentos e bebidas (3,0%), que sobressaíram como as principais influências positivas. Cabe mencionar também o aumento das contratações na atividade de fumo (97,2%) para a safra deste ano, superior à de 2003, que, por problemas climáticos, se encerrou em junho.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

Entre as indústrias que pressionam negativamente o índice geral, vale citar os segmentos de vestuário (-7,7%) e produtos de metal (-7,6%), no total do país. Regionalmente, há duas áreas em queda, neste tipo de comparação: Rio de Janeiro (-3,0%) e Pernambuco (-4,6%), influenciadas, sobretudo, pelos resultados verificados em alimentos e bebidas (-15,8% e -11,8%, respectivamente).

No período acumulado janeiro-julho, observa-se um aumento de 0,5% no contingente de trabalhadores. Os locais que contribuíram positivamente para este resultado foram Minas Gerais (3,3%), região Norte e Centro-Oeste (3,1%) e Paraná (2,8%), com as maiores influências entre os sete que apresentaram taxas positivas. Em contraposição, Rio de Janeiro (-3,4%) mantém-se como a área que exerce a principal influência negativa no cômputo geral, seguida por Rio Grande do Sul (-1,2%) e Espírito Santo (-3,9%).

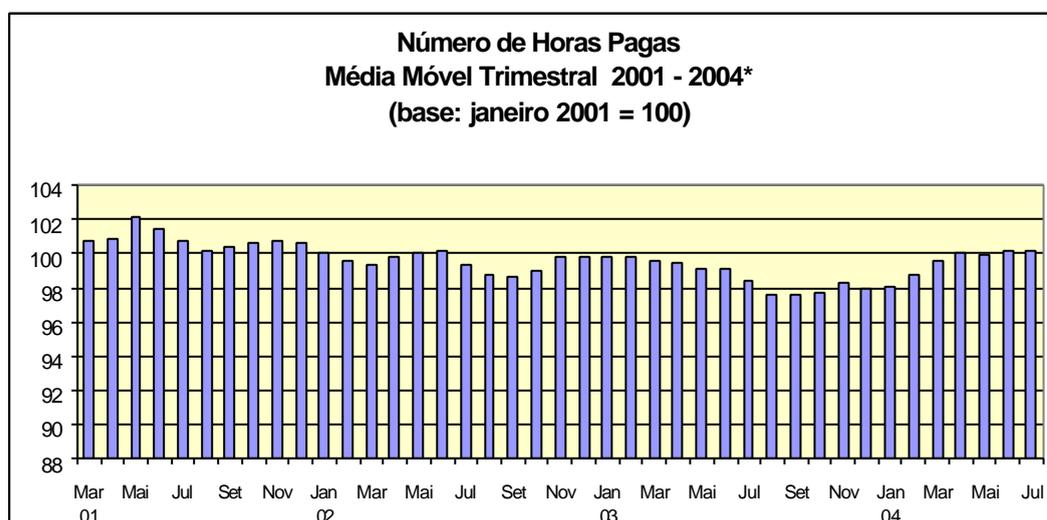
O número de trabalhadores aumentou em doze atividades e o setor de máquinas e equipamentos (13,0%) sobressai com o principal impacto positivo,

seguido por alimentos e bebidas (2,3%) e meios de transporte (4,4%). Negativamente, destacam-se os recuos assinalados em vestuário (-10,1%), com a maior queda, e papel e gráfica (-6,3%).

NÚMEROS DE HORAS PAGAS

Em julho, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria apresentou queda de 1,3% em relação ao mês de junho, já descontado o efeito sazonal, interrompendo uma seqüência de dois resultados positivos, quando acumulou elevação de 1,2% (junho 04/abril 04). Na comparação com igual mês do ano anterior exibe um crescimento de 2,2%, enquanto nos indicadores para períodos mais abrangentes assinala aumento de 0,8% no acumulado do ano e retração de 0,2% no acumulado dos últimos doze meses. A jornada média de trabalho no mês de julho se retraiu em 0,2% no indicador mensal, mas registrou pequenas altas nos demais indicadores, de 0,3% no acumulado do ano e de 0,1% no acumulado dos últimos doze meses.

Segundo o indicador de média móvel trimestral, o total de horas pagas ficou estável (0,0%) nos trimestres encerrados em julho e junho últimos.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Na comparação julho 04/ julho 03, o indicador do número de horas pagas do setor industrial assinala aumento de 2,2%, refletindo as performances positivas de doze dos quatorze locais e de treze dos dezoito segmentos pesquisados. Em termos setoriais, os maiores impactos positivos vieram de

máquinas e equipamentos (16,8%), meios de transporte (10,4%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos (9,6%). As maiores contribuições negativas ficaram por conta das atividades de vestuário (-9,1%), produtos de metal (-7,4%) e papel e gráfica (-5,7%). No corte regional, os locais responsáveis pelos maiores impactos positivos foram: São Paulo (1,7%), Minas Gerais (4,3%), região Norte e Centro-Oeste (4,8%) e Rio Grande do Sul (2,6%). Em contrapartida, a maior influência negativa foi proporcionada por Rio de Janeiro (-4,9%). Na indústria paulista, os segmentos de máquinas e equipamentos (21,7%), alimentos e bebidas (5,3%) e meios de transporte (7,5%) foram os destaques positivos. Na indústria mineira, a liderança coube a borracha e plástico (75,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos (23,9%) e metalurgia básica (11,2%). Na região Norte e Centro-Oeste e no Rio Grande do Sul, as indústrias de alimentos e bebidas (12,5%) e fumo (155,4%) representaram, respectivamente, as maiores pressões positivas.

No acumulado do ano, o número de horas pagas assinalou alta de 0,8%, em decorrência dos desempenhos positivos de dez regiões e doze setores industriais. Os maiores impactos positivos, por locais, vieram de Minas Gerais (4,2%), São Paulo (0,5%) e região Norte e Centro-Oeste (2,5%). Em contrapartida, Rio de Janeiro (-4,8%), Rio Grande do Sul (-0,8%) e Espírito Santo (-2,9%) exerceram as maiores pressões negativas. Os setores responsáveis pelos maiores impactos positivos foram máquinas e equipamentos (14,6%), meios de transporte (7,0%) e metalurgia básica (10,2%). Por outro lado, vestuário (-10,5%) e papel e gráfica (-5,0%) exerceram as principais contribuições negativas.

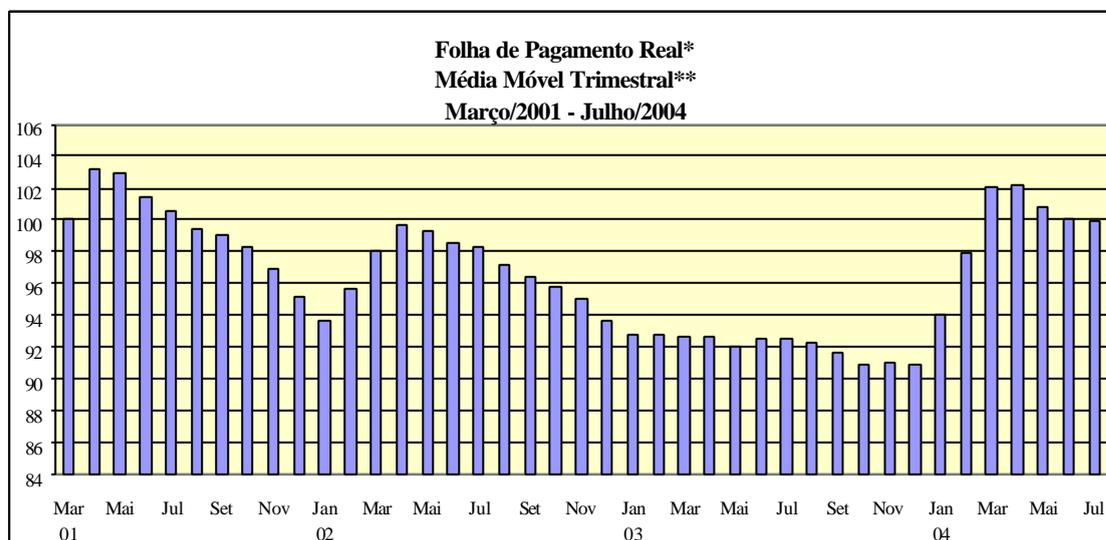
O índice acumulado nos últimos doze meses registrou em julho recuo de 0,2%, resultado ligeiramente superior a junho (-0,5%). Setorialmente, os maiores impactos, negativo e positivo, vieram, respectivamente, dos ramos de vestuário (-10,1%) e máquinas e equipamentos (9,6%). Já as regiões responsáveis pelas principais pressões, negativa e positiva, foram Rio de Janeiro (-5,4%) e Minas Gerais (2,1%), respectivamente.

Em síntese, os indicadores do número de horas pagas estão em linha com o

desempenho do emprego. Vale ressaltar que, o indicador de média móvel trimestral para horas pagas, após avançar ao longo do primeiro trimestre, mostra estabilidade nos últimos meses, enquanto que, para o pessoal ocupado, esse mesmo índice apresenta uma trajetória ascendente somente a partir do segundo trimestre. Isto sugere que os efeitos do maior ritmo da atividade industrial sobre o mercado de trabalho são observados, inicialmente, através do aumento da jornada de trabalho e, em um segundo momento, na ampliação do contingente de trabalhadores.

FOLHA DE PAGAMENTO

A folha de pagamento real dos trabalhadores do setor industrial, após o avanço de 0,7% observado em junho, mantém-se estável (0,0%), em julho, na comparação com o mês anterior, já descontadas as influências sazonais. O índice de média móvel trimestral se mantém em patamares acima dos observados nos dois anos anteriores, mas ainda abaixo do nível do início de 2001, o que demonstra que a folha salarial paga pela indústria é a mais elevada dos últimos três anos.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

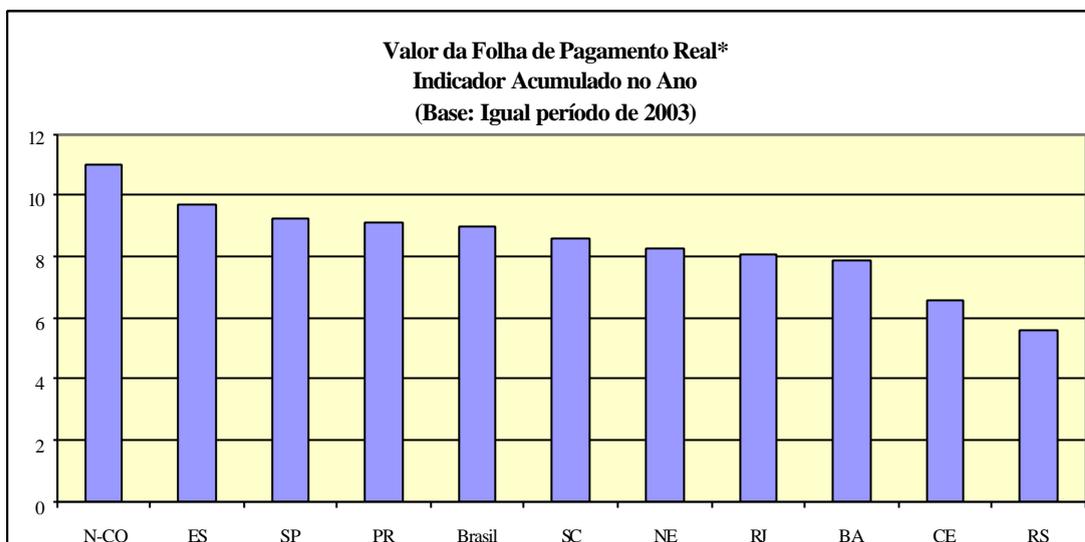
** Série com ajuste sazonal

No entanto, nos confrontos com 2003, a folha de pagamento da indústria permanece mostrando ganho real: 8,3% em relação a julho de 2003, 9,0% no acumulado no ano e 4,1% nos últimos doze meses. No que tange à folha de

pagamento média real verificam-se ampliações em todos os indicadores: mensal (5,8%), acumulado no ano (8,5%) e nos últimos doze meses (4,5%).

Na comparação com julho do ano passado observam-se avanços, em termos reais, na folha de pagamento em todos os quatorze locais pesquisados. A indústria de São Paulo (6,3%) responde, mais uma vez, pela contribuição de maior impacto na formação da taxa global de 8,3%, influenciada sobretudo pelo acréscimo observado no setor de máquinas e equipamentos (34,9%). Em termos de magnitude do crescimento, sobressai o Rio de Janeiro (29,9%), em razão do avanço atípico revelado nas indústrias extrativas (213,3%), por conta da influência de pagamento de bônus e participações nos lucros. Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, ganhos reais na folha de pagamento na maioria (quatorze) dos dezoito setores pesquisados, ficando as expansões de maior impacto na taxa global com a atividade de máquinas e equipamentos (23,7%), seguida por indústrias extrativas (52,9%), alimentos e bebidas (7,3%) e meios de transporte (7,8%). Em contraposição, entre os quatro ramos que reduzem a folha de pagamento real sobressaem produtos de metal (-8,8%) e papel e gráfica (-3,7%).

No indicador acumulado no ano, todos os locais pesquisados elevam o total da folha de pagamento real de seus empregados. Os maiores ganhos reais são observados em Minas Gerais (11,8%) e na região Norte e Centro-Oeste (11,0%), ficando as principais contribuições positivas na formação da taxa global, também neste comparativo, com as indústrias de São Paulo (9,2%), influenciadas sobretudo pelos ganhos assinalados em máquinas e equipamentos (49,5%). No total do país, ainda neste indicador, há expansão na folha de pagamento dos trabalhadores em quinze das dezoito atividades analisadas. Na formação da taxa global de 9,0%, destacam-se com os maiores impactos positivos: máquinas e equipamentos (30,9%), alimentos e bebidas (8,6%), meios de transporte (8,5%) e produtos químicos (10,4%). Com redução figuram apenas produtos de metal (-5,0%), têxtil (-6,5%) e vestuário (-3,1%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

Ainda no indicador acumulado no ano, no que se refere à folha de pagamento média real da indústria, verificam-se ganhos em todos os locais e em dezesseis dos dezoito setores pesquisados. Regionalmente, as ampliações variaram entre os 6,2% registrados no Paraná e os 14,1% do Espírito Santo, enquanto em nível setorial, os acréscimos mais intensos no total do país estão em máquinas e equipamentos (15,9%) e nas indústrias extrativas (13,6%).

O indicador acumulado nos últimos doze meses mostra, na passagem de junho para julho, a manutenção no ritmo de expansão tanto do total da folha de pagamento real, que passa de 3,2% para 4,1%, como na folha de pagamento média real (de 3,8% para 4,5%).

Em síntese, a folha de pagamento real da indústria em julho de 2004 manteve-se estável em relação a junho, com reflexo no índice de média móvel trimestral. Nas comparações com o ano anterior, os resultados são amplamente positivos, refletindo uma trajetória de recuperação da renda dos trabalhadores do setor.